

A Polarização

Irrefletida

Política, Ciência e Direito
em uma Sociedade Dividida

Edilson Santana Gonçalves Filho

2ª edição
revista e atualizada

2026

 EDITORA
*Jus*PODIVM
www.editorajuspodivm.com.br

INTRODUÇÃO

A questão política nunca deve ser vista de forma isolada. Ela é sempre interseccional. Liga-se, influencia e é influenciada por outras esferas, com preferências e preconceitos. A própria aproximação pessoal a um ou outro grupo político é resultado e retroalimentado por esses fatores interseccionais, sendo a ideologia um deles. É nesse sentido que se concebe a política neste livro, que a utiliza como objeto para analisar também outros aspectos que afetam os rumos de nossas vidas e nos dividem, muitas vezes sem que tenhamos plena consciência deles. A questão política, no referido cenário, pode muitas vezes exercer um papel central, com efeitos degradantes para a convivência em sociedade.

Independentemente da preferência de cada um, seja ela mais conservadora, mais progressiva, mais liberal, libertária ou comunitária, tratando-se ou não de um neoliberal ou de alguém que defende o estado de bem-estar social, é certo que deve haver um limite até o qual qualquer posição é defensável.

Parece bastante irrazoável que alguém mais progressista apoie incondicionalmente uma liderança que, embora vinculada a um partido de esquerda, defenda o fuzilamento de seus opositores, ou que um indivíduo mais conservador vote em um candidato que defende a prática da tortura, simplesmente porque não votaria em um representante ligado a partidos mais progressistas.

CAPÍTULO 1

ONDE ESTÃO NOSSOS AMIGOS?

Em “O crepúsculo da democracia: como o autoritarismo seduz e as amizades são desfeitas em nome da política”, Anne Applebaum (2023, p. 9-24), vencedora do Prêmio Pulitzer, narra que, na véspera do Ano Novo de 1999, realizou uma festa entre amigos que, de forma geral, se incluíam na categoria que os poloneses costumavam chamar de direita¹. Duas décadas depois, ela atravessaria a rua para evitar algumas pessoas que estavam em sua festa, da mesma forma que elas recusariam entrar em sua casa e ficariam constrangidas se precisassem dizer que já estiveram lá. O distanciamento não teve causas pessoais, mas políticas, e a Polônia se tornou um país altamente polarizado à época em que Anne escrevia o texto.

-
1. “Seria possível, nos agrupar, de modo geral, na categoria que os poloneses chamam de direita: conservadores, anticomunistas. Mas, naquele momento da história, também seria possível chamar a maioria de nós de liberais. Liberais de livre mercado, liberais clássicos, talvez thatcheristas. Mesmo aqueles cuja posição econômica era menos definida acreditavam na democracia, no estado de direito, em freios e contrapesos [...]. Na década de 1990, era isso que significava ‘fazer parte da direita’” (Applebaum, 2023, p. 10). Como se nota, há uma diferença crucial para o que passou a se denominar *extrema direita*, exatamente para distinguir esse novo movimento da *direita tradicional*.

Uma das principais causas para que isso tenha ocorrido, para a jornalista polonesa, foi a inclinação do partido Lei e Justiça a ideias abertamente autoritárias, xenofóbicas e paranoicas – depois que ascendeu ao poder. Quando no governo, ele violou a constituição ao indicar inadequadamente novos juízes para o Tribunal Constitucional; criou uma lei para punir os juízes cujos vereditos contrariassem as políticas governamentais; controlou as emissoras de TV, demitindo apresentadores mais experientes, substituídos por pessoas recrutadas da mídia on-line alinhados com a extrema direita; demitiu servidores públicos, substituindo-os por amigos ou familiares; acabou com instituições culturais; restringiu o debate sobre o holocausto; e passou a identificar inimigos existenciais, como os imigrantes islâmicos e as pessoas homossexuais.

As mudanças, logicamente, não visavam fazer com que o país funcionasse melhor. O intuito era tornar a sociedade e o governo mais partidários, assim como os tribunais mais controláveis. Alguns membros da igreja católica polonesa, aplaudidos pelo governo, passaram a seguir o contexto partidário, promovendo temas similares, com sermões que descreviam os homossexuais como praga multicolorida, que estaria substituindo a praga vermelha do comunismo.

Nem todos os eleitores foram capazes de perceber esses fenômenos e suas consequências (pelo menos não de forma consciente). Essa série de eventos foi apontada como o fator que tornou difícil a convivência entre aqueles que anteriormente festejavam juntos, inclusive pela falta de sobre o que conversar. A ideologia política fez com alguns dos antigos amigos se afastassem, inclusive pais e filhos.

Embora narre o contexto da Polônia, nos últimos anos essa passou a ser uma realidade, mais ou menos igual, em diversos países. Além disso, não se trata de algo inédito na história, o que parece ser ainda mais assustador, pois

CAPÍTULO 2

ESTAMOS FALANDO DA MESMA COISA?

Durante os últimos anos, enquanto pensava em escrever este livro e pesquisava tentando compreender o que estava se passando com as pessoas – incluo-me neste grupo –, observei que um dos problemas se encontrava na falta de entendimento sobre conceitos que estão na base dos nossos desacordos.

Muitas pessoas, quando questionadas, não sabem o significado de palavras como esquerda, direita, democracia, autoritarismo, comunismo, feminismo, liberalismo, anarquismo, libertarismo etc. – ou as compreendem de forma muito equivocada. Não obstante, elas as utilizam com frequência, em geral para justificar uma posição pessoal. Veja-se que expressões como “o comunismo vai acabar com tudo” e “a direita é desumana” são diametralmente opostas, mas igualmente equivocadas, como costumam ser as opiniões extremadas. E não é raro que frases como essas sejam apenas repetidas, sem grandes reflexões, formando a opinião do grupo e causando cisões entre as pessoas.

A virada linguística representou um importante passo no pensamento humano, como apontam diversos estudiosos, entre eles o filósofo Jürgen Habermas (1990). Com ela, observou-se que a linguagem é um elemento indispensável para compreender o mundo. É através dela que articulamos

ideias que, em um primeiro momento, estão somente no campo mental e que as coisas adquirem significados. A palavra “cadeira” só remete a uma imagem de algo com quatro pés que serve para nos sentarmos porque convenciamos designar esse objeto pelo conjunto de símbolos (letras) “c-a-d-e-i-r-a”, articulados nessa ordem.

Com a virada *pragmática* da linguagem, constatou-se que o significado das proposições linguísticas depende das relações sociais, ou seja, do contexto em que estão inseridas. A palavra “merda” pode remeter a um excremento, mas, se for dita entre atores antes de uma peça de teatro, pode significar sorte. Não é diferente com conceitos que estão ligados à vida social e política, que precisam ser entendidos levando-se em conta, inclusive, o ambiente e o tempo histórico em que se situam.

O termo “revolução”, por exemplo, hoje representa a ideia de um desenvolvimento para frente, ou seja, ao futuro e progressivo, que se contrapõe a movimentos de retorno ou circulares. Esse significado, contudo, somente passou a ser assim concebido após os grandes movimentos revolucionários do final do século XVIII, ocorridos na França e nos Estados Unidos. No século XVII, ele era utilizado com significado astronômico, para designar o movimento eterno, irresistível e recorrente dos corpos celestes, como registra Hannah Arendt (2018). O vocabulário político o aproveitava metaforicamente para designar algo para trás, um regresso a algum ponto ou uma restauração, é dizer, o retorno a uma ordem anterior – por exemplo, o restabelecimento da monarquia.

No curso das revoluções do final do século XVIII, percebendo-se que não se estava retornando para um ideal de liberdade que já existira, e sim caminhando para algo totalmente novo, afastando-se de qualquer retorno para um ponto precedente, a expressão foi adquirindo o seu significado atual. Nas ciências, já de acordo com este novo sentido,

CAPÍTULO 3

POR QUE PENSAMOS E ARGUMENTAMOS ASSIM?

A busca por respostas que possam justificar as coisas e os fatos não é uma novidade dos tempos modernos, podendo mesmo ser inerente à própria condição humana, enquanto ser consciente e curioso. Para isso, a humanidade já se valeu dos mitos, com a finalidade de explicar questões como os fenômenos naturais, as origens do universo e do homem, além de outros aspectos do mundo que eram desconhecidos ou mal compreendidos.

A filosofia surge em um contexto no qual os mitos desempenhavam um papel central na compreensão do mundo, na busca por melhores respostas. Enquanto os últimos se construía através de narrativas simbólicas, se valendo de figuras divinas, heróis e eventos sobrenaturais, o pensamento filosófico procurou uma compreensão baseada em argumentos lógicos e racionais. Os dois representam abordagens diferentes para entender o mundo. A ciência, por sua vez, forneceu justificativas mais detalhadas sobre fenômenos específicos, oferecendo uma compreensão mais precisa e baseada em evidências. Neste aspecto, a filosofia também se diferencia das religiões, já que não submete a verdade a Outro, mas propõe que a avaliemos por nós mesmos, como observa Luc Ferry (2007, p. 34). Isso também vale para a ciência.

Em alguns casos, a humanidade, por meio da expansão do conhecimento sobre o mundo e seus fenômenos, obteve explicações inéditas, em outros abandonou justificativas erradas ou as substituiu por melhores. Por exemplo, os raios, diante da falta de maior esclarecimento, puderam ser justificados através de uma resposta mitológica: um deus os lançaria para demonstrar sua força. Diversa é a resposta filosófica – que se apresentou como alternativa aos mitos e parte da pergunta sobre o que são os raios, exigindo maior reflexão – e, sobretudo, a científica, que alcança suas conclusões após se obter algum entendimento sobre as descargas elétricas que geram o fenômeno natural.

A EPISTEMOLOGIA EVOLUCIONISTA COMO EXEMPLO

A epistemologia evolucionista, por exemplo, que é aquela baseada na teoria evolutiva de Charles Darwin, pretende demonstrar que o mundo como se mostra ao homem é decorrência de estruturas que são próprias do *homo sapiens*, incluindo as biológicas (órgãos, sentidos) e socioculturais.

Os organismos vivos constituem um sistema. No tocante ao conhecimento, eles recebem informações por meio dos órgãos e dos sentidos, dotados, para tanto, de um aparato sensorial decorrente de uma estrutura herdada biologicamente e registrada pelos genes – ou, mais precisamente, por seu conjunto, o genoma –, que as repassam entre as gerações pela via hereditária, segundo a visão evolucionista.

De tal modo, a ciência é um fenômeno biológico, que em sua linhagem histórica deriva das informações de senso comum, o qual, por sua vez, é decorrência do saber herdado dos animais. Um trecho do documentário *Cosmos*, apresentado por Carl Sagan, bem resume essa ideia:

O primeiro lugar onde o conhecimento – no sentido de informações – é armazenado, é no DNA. Uma espécie de biblioteca interna do corpo humano. O DNA guarda as